

7ª PARTE

O LIVRO DA ACADEMIA

SETE CHUVAS PARA MEU PAI

Virgílio Maia
poemas

Napoleão Torquato Maia
ilustrações

Nas Oficinas de Vladimir Marão

Dizer sobretudo algo a respeito das chuvas.

Pedido de meu pai Napoleão Nunes Maia ao seu irmão caçula José Amirto, que ficara em Limoeiro do Norte, através de carta escrita em Mogi Mirim, aos 7 de fevereiro de 1952.



Era Bratislava,
as claras praças lavradas
nas mais esclavas palavras,
mas choveu.
O chiado da chuva sobre o chão
envelopou minhas lembranças
e veloz me remeteu,
menino magro,
à posta-restante da infância.
De lá me retirou,
disso já faz uma porção de eventos,
o bezerrinho surubim que tive,
escramuçando neblinas.



Ano seco e resseco confirmado
na magreza dos cinzas de novembro
ruminando nos olhos dos bovinos.
Eis que,
para o nascente,
em plena tarde azul,
há um bordado de nuvens,
que vem de longe, hipocorístico,
e se aproxima e chega.
Baixa e escancara,
sobre a mudez dos seixos,
um bafo de mormaço.
E se vai,
retardatariamente inútil.



Na noite morna,
normal em seus silêncios de cícios,
em suas mais noturnas quietudes,
trovão não se ouvira,
nem relâmpago gizara
a onomatopeia visual dos átimos.
Mas sem que se desse fé, chovera,
pois a manhã molhada se espreguiça
na moldura dos caixilhos.
E toda apreensão agora se equilibra,
bisgando na folhagem,
cai, não cai,
abaulada promessa de babugem.



Outra chuva, essa de agora,
solene se despeja e se desmancha,
somente cai,
mussitando vertentes consoantes
e os cinco dedos das vogais agudas.
Mas seus zilhões de gotas
parecem sempre a mesma, iguais.
Tentado a boiar, na tarde colonial
e em suas águas,
o prosiversejado barquinho,
frágil origami de maio,
à deriva nas rimas,
soçobrando em quartetos,
salvei-me do naufrágio,
bêbado, mas livre:
guiou-me Apollinaire.



Milênio após milênio,
pingo a pingo,
a chuva escalavrou,
na pele atemporal
da grande pedra,
profunda cicatriz,
crestada e seca,
exposta à sisudez do sol a pino.
Um improbabíllssimo cinzel,
pincel de tempo,
fez e deixou ali,
para sempre, um aceno
aos futuros invernos.



Esta aqui despencou inusitada
e frondosamente tropical,
por mais de dia e meio
abarrotoando barreiros,
ameaçando açudes,
engurujando caprinos,
arrolhando bueiros,
num crescente gerúndio
de milímetros.
Poderosamente caiu,
como costumavam cair
as chuvas literárias de Macondo
e as libertárias águas de Temuco.
Choveu como chove
sobre as anáguas das Anavilhanas.

Não bastassem a rede limpa,
os chocalhos balindo no curral,
e a casa ressonando ao capim santo
dos baús que nem existem mais;
de uma réstia de caibro
o vento vendo e vindo fustigar
as molduras de cem anos atrás.
Não bastasse a memória
passear nos rebocos,
propondo sobre a cal velhos perfis,
baixa, então, uma bênção:
às três horas exatas chega a chuva
e tudo envolve
em papelim de sonho,
num sono antigo de debilidade.

